

* Artigo Original

Suicídio na mídia semanal

Alice Ferry de Moraes

Fundação Oswaldo Cruz. Jornalista e bibliotecária. Especialista em Gerenciamento de informação em C&T. Mestre e Doutora em Ciência da Informação. Pós-doutora em Estudos Culturais. Servidora da Fiocruz/Icict/Laces.

ferry@icict.fiocruz.br

DOI: 10.3395/reciis.v7i1.528pt

Resumo

A publicação de matérias sobre suicídio em uma revista semanal como a *Veja* foi o objeto desta pesquisa. A maneira de expor o tema, assim como o destaque que lhe é dado seja pela chamada em capa ou pelas ilustrações podem contribuir para o agravamento no número de casos sobre esse que é um problema cada vez maior na sociedade. O interesse pela morte e os cuidados na publicação, sugeridos pela Associação Brasileira de Psiquiatria serviram de parâmetros para a avaliação de 151 matérias produzidas entre 1996 e 2010. Percebe-se que muito ainda tem que ser feito sobre a maneira de abordar o suicídio na mídia, assim como sua prevenção. Esta pesquisa é uma pequena contribuição para a promoção de um esforço para estancar esse mal que cresce dia a dia.

Palavras-chave: Suicídio; Imprensa; Revista semanal.

1. Introdução

Esta pesquisa tem como tema as matérias publicadas sobre suicídio na revista semanal *Veja*. São feitas indagações acerca da maneira de informar os casos de suicídios, um dos grandes males da saúde pública de diversos países, com relação às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Sabe-se que a imprensa, pertencendo a uma realidade social e a retratando, é um dos componentes históricos do processo cultural de uma sociedade. Por que o interesse pelos casos de suicídio? Quem se interessa pelo tema? As respostas podem servir de base para o entendimento da publicação dessas matérias na *Veja*. A partir dessa fonte jornalística será possível levantar questões relacionadas à qualidade da informação que por ela é veiculada. Também será levada em conta a temporalidade de apuração e de exposição dessas notícias, que escapam do imediatismo diário dos jornais, ganhando assim, com seu espaço temporal de edição, a possibilidade de aprofundar seus conteúdos. A ética na produção dessas matérias também será objeto de observação desta pesquisa.

2. O discurso jornalístico da *Veja*

Na imprensa estão fatos do dia a dia. Há casos em que ela é a única fonte de informação sobre o cotidiano. É quando a informação oficial é escamoteada ou negada, como é o caso dos

suicídios. Alguns deles são objetos jornalísticos por serem bizarros ou estarem ligados a pessoas famosas e assim são perpetuadas no noticiário jornalístico, seja ele de que tipo for.

A escolha revista semanal como fonte informacional sobre os casos de suicídios diz respeito ao fato dela alargar os parâmetros espaciais e temporais do campo de observação em relação às demais fontes jornalísticas, ampliando o acesso aos domínios culturais e à realidade social. Por hipótese, também é justificado o interesse dos leitores por matérias sobre esse tema por elas relatarem conflitos e pela publicização do privado em sua estrutura.

Para melhor entender o uso de um veículo da imprensa, no caso a revista *Veja*, como campo observacional para esta pesquisa, foi considerado importante pesquisar as características e os diferentes aspectos do seu discurso jornalístico.

O leitor da *Veja* fica entre a classe A (34%) e a classe B (39%), com 62% de leitores entre 20 a 49 anos e 53% constituídos por mulheres. Ela é a quarta revista semanal de informação no *ranking* mundial de circulação. É importante ressaltar que após o período de exposição da revista nas bancas, ou seja, uma semana, sua circulação perde controle, assim como o seu tipo de leitor, pois é comum, exemplares da *Veja* serem encontrados em recepções de consultórios médicos, salões de beleza e barbeiros, meses após a sua publicação e sendo lidos por pessoas nem sempre enquadradas no seu perfil de leitor.

Desde tempos imemoriais que os homens se interessam por relatos de experiências, destacando-se as histórias relacionadas à morte e à tragédia. Cada sociedade define e elabora uma imagem do mundo, do meio no qual está inserida. O esforço coletivo de discurso, que foi ocupado pelo "mito" ou por uma "opinião pública" idealizada, é hoje ocupado pelo discurso da mídia, auxiliado pelo processo de globalização econômica e cultural e por novas tecnologias de comunicação, que ampliaram o acesso aos acontecimentos. Vários são os veículos responsáveis pela transmissão de informação sobre os mais diversos assuntos. (MORAES, 1995, p. 15). Neste trabalho, destaca-se a notícia sobre suicídio, ocorrido em qualquer parte do mundo, utilizando a linguagem jornalística escrita, disponibilizada semanalmente, em um suporte digital.

A revista semanal possui um discurso que difere do fato em si, e este se transforma em um acontecimento através do relato em suas páginas. A produção do discurso jornalístico cria uma espécie de contrato de leitura entre a emissão (veículo jornalístico) e a recepção (leitor) desse discurso.

O discurso jornalístico pode utilizar diversos tipos de ilustrações que, com a exposição de suas imagens, se transformam em outro discurso, sobre o mesmo fato, tão expressivo quanto o próprio texto. (FAUSTO NETO, 1991, p.64). Diante da impossibilidade de "retratar" o suicido em si, são utilizados esses meios de destacar a notícia, visando despertar maior interesse sobre a notícia.

Ao ler uma notícia sobre suicídio, é desejável que haja um equilíbrio emocional do leitor para que uma confusão entre o lido e o sentido não desencadeie problemas psíquicos que podem levar a algum ato extremo, tal como o narrado na notícia. Isso é dito porque a informação, seja ela subjetiva ou objetiva, exerce mudança no estado do conhecimento humano e, conseqüentemente, na sociedade e na cultura. Ela atua como um agente de transformação, responsável pela evolução do homem e pelo desenvolvimento da sociedade.

Aqui a informação é qualificada como um instrumento modificador da consciência do homem e de seu grupo. [...] a informação é percebida e aceita como tal e coloca o indivíduo em um estágio melhor de convivência consigo mesmo e dentro do mundo em que sua história individual se desenrola. (BARRETO, 1994, p.3)

Atuando sob o direito de comunicação e de educação, a revista semanal presta bons serviços ao divulgar pesquisas e esclarecer a prevenção de doenças e a promoção da saúde. Temas antes restritos a especialistas passam a integrar as conversas do dia a dia, com informações científicas traduzidas para o senso comum. Usada com essas características, a revista semanal pode ser útil no tocante à prevenção do suicídio. Convém, no entanto, apontar uma restrição feita ao discurso da *Veja*, quando o suicídio é por ela espetacularizado, tal como na imprensa popular. Um destaque excessivo ao suicídio pode soar como apoio a esse ato extremo, servindo de estímulo à sua prática e indo contra o discurso da saúde, que o vê como problema.

3. O Interesse pela morte

Há quem diga que o interesse pela morte está relacionado à reafirmação da vida. Quem morreu foi o outro. A notícia é importante quando é importante para um grande número de pessoas. A revista publica o que ela tem certeza que será lido. A noção de interesse é crucial para o produtor da notícia. O interesse está ligado ao fato social. Há também o relato do inusitado, do novo, do excêntrico ou do muito distante. O olhar do jornalista sobre o fato é a filtragem que protege as pessoas da verdade que é, por vezes, insuportável. Portanto, a notícia implica em fato, relato e público. O novo com caráter de ruptura é a notícia sobre o acontecimento de uma tragédia.

É importante lembrar que a notícia é o produto jornalístico mais importante e contribui para o estabelecimento da natureza mercantil da revista. Ela utiliza a redução do bizarro e insólito ao rotineiro conhecimento, numa tentativa de ordenar o que foge ao controle da sociedade. O insólito, anômalo e ambíguo traz insegurança e ao vê-lo restrito a uma notícia, o leitor o nivela às demais notícias, pois os temas trágicos denunciam a precariedade humana.

A morte exerce fascínio e é ambicionada mercadoria jornalística. [...] O jornal e o cinema fazem reverberar o tabu da morte, vendendo para cada um de nós um sentimento que está reprimido na profundidade de cada alma. [...] a exaltação da morte [...] contrasta com a sua silenciosa dissimulação na vida cotidiana, em que ela é banida das conversas, obscurecida por metáforas e escondida das crianças, que podem ver os cadáveres empilhados nas telas de cinema e televisão, mas a quem é furtado o conhecimento da realidade da morte em seus círculos familiares [...]. (RODRIGUES, 2006, p. 52)

A morte em nossa sociedade, diferentemente do que ocorre em algumas sociedades orientais, é de difícil aceitação, principalmente quando relacionada a um ente querido. Ela provoca alterações na organização da vida diária dos indivíduos e representam uma terrível e inevitável ameaça a todos. O suicídio é um duplo desafio à sociedade, pois diz respeito a alguém que ousou quebrar o estabelecido, de forma inesperada, aumentando a angústia da sociedade pela sua ousadia e pela covardia diante do enfrentamento dos problemas. Daí o interesse jornalístico pelo inusitado e pela possível execração do suicida, que ocorre em diversas culturas.

Em muitas sociedades o cadáver de um suicida suscita um pavor especial, mais intenso, e por isso é imediatamente abandonado. Entre os cristãos, os suicidas não podiam ser

enterrados no mesmo cemitério que os mortos regulares nem suas sepulturas receber a benção sacerdotal, acreditando-se que iam para o inferno. Mas se, por um lado, o suicídio pode gerar entre os parentes [...] um certo sentimento de vergonha, por outro os sobreviventes de um suicídio altruísta, de um mártir, de alguém que se deixou morrer em defesa dos ideais patrióticos, dos valores da moralidade coletiva, dele se podem orgulhar e sua memória se torna sempre objeto das mais solenes reverências. (RODRIGUES, 2006, p. 59)

Aproveitando-se dos casos de suicídios célebres na história da humanidade, são freqüentes citações a eles como, por exemplo, a morte de Getúlio Vargas, Adolf Hitler, Cleópatra, Alberto Santos Dumont em notícias publicadas na *Veja*.

4. A carpintaria da pesquisa

A partir de uma pesquisa qualitativa sobre a maneira como são publicadas as matérias sobre suicídio, optou-se pela revista *Veja*, a publicação semanal de maior circulação no país como campo observacional. A coleta das informações foi feita pela Internet. Foram examinados 773 números da revista, publicados entre 1996 e 2010. Foram encontradas 151 matérias sobre o tema, o que resulta em dez matérias por ano, ou seja, em média a publicação de uma matéria por mês, aproximadamente.

Na primeira etapa da pesquisa, entre os diversos formatos de texto, destacaram-se dez entrevistas nas páginas amarelas da *Veja*, assim como 18 matérias de capa, cinco colunas, uma carta de leitor e, surpreendentemente, duas páginas de publicidade.

Posteriormente, as matérias foram agrupadas por subdivisões do tema, ou seja, prevenção, tentativa, ideação, homicídio seguido de suicídio, motivação cultural, religiosa, política, econômica, doenças, veículos de disseminação, genética, tipos de suicidas e anúncios.

Por último, foi realizada uma análise da forma de publicação das matérias com relação às recomendações da Comissão de Prevenção de Suicídio da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP).

4.1 Documento sobre suicídio, dirigido aos profissionais da imprensa

Encontra-se na Internet, desde outubro de 2009, o documento intitulado *Comportamento suicida: conhecer para prevenir*, dirigido para profissionais da imprensa. O documento foi elaborado pela Comissão e prevenção de Suicídio da ABP, sob a coordenação do psiquiatra Neury José Botega. Na introdução, é feita menção ao *Efeito Werther*, que teve origem em uma centena de suicídios de jovens leitores do livro de Goethe, intitulado *Os sofrimentos do jovem Werther*, publicado em 1774.

Para evitar que isso ocorra, algumas "dicas" são oferecidas sobre como noticiar o suicídio de maneira discreta. Evitar a palavra suicídio em manchetes ou sua colocação na primeira página, chamadas dramáticas, fornecimento de detalhes do método letal, fotos são algumas sugestões para informar sem provocar danos.

O documento sugere ainda que as matérias respeitem o impacto que elas possam causar entre amigos e familiares da vítima e que deve haver uma preocupação em omitir o local onde o ato foi realizado, de modo a não criar "suicidódromos".

O que o documento pede é que mais matérias sobre estatísticas sobre suicídios e sua prevenção, assim como os avanços no tratamento de transtornos mentais, sejam publicados, contribuindo para diminuir esse grave problema de saúde pública.

5. Resultados das análises

Não foi possível incluir neste artigo os resumos de todas as matérias encontradas. Sendo assim, foram selecionadas as mais emblemáticas com relação às recomendações da ABP.

5.1 Prevenção

No tocante à prevenção do suicídio, destacou-se uma entrevista do sociólogo Glaucio Ary Dillon Soares sobre violência, com sua sugestão aos fabricantes de armas de fogo sobre a colocação de fechos de segurança no gatilho para impedir acidentes e suicídios. (VEJA, 16 ago. 2000, p. 11-15). Como forma de prevenção, em entrevista, o psicólogo americano Martin Selizman afirma que quem pratica uma religião é claramente menos predisposto a usar drogas, a se divorciar e a cometer crimes e suicídios. (VEJA, 10 mar. 2004, p. 11-15).

5.2 Tentativas

No tocante às tentativas de suicídio, a *Veja* publicou duas matérias sobre possíveis motivos para que alguém tente suicídio. Diversos tipos de culpa foram abordados na matéria de capa, apontando o tormento que a culpa provoca na vida das pessoas, que passam a ter um comportamento melancólico, tentando suicídio em alguns casos. (VEJA, 31 jul. 2002, p. 76-83). Outra matéria sobre o vício em jogo aborda um estudo do Hospital das Clínicas de São Paulo que aponta os malefícios desse vício, revelando que 35% das mulheres viciadas já tentaram suicídio, enquanto apenas 7 % dos homens viciados fizeram o mesmo. (VEJA, 10 nov. 1999, p. 154-156).

Alguns relatos sobre tentativa podem ser considerados muito nocivos uma vez que descrevem o *modus operandi* das vítimas, geralmente, pessoas famosas, embora por esse motivo haja, em alguns casos, apenas a citação ao fato. Katie Dallah, boxeadora profissional, ao sair de um coma, pensou em suicídio e guardou remédios que os enfermeiros lhe davam para tomá-los de uma só vez, mas irmã impediu o ato. (VEJA, 20 abr. 2005, p.109). O uso da tentativa de suicídio para manter uma relação amorosa foi tema de duas notas: O ator americano Owen Wilson tentou suicídio após término de relacionamento com a atriz Kate Hudson (VEJA, 18 jun. 2008, p.92) e Shawn Southwick, de 50 anos, oitava esposa de Larry King, apresentador de programa na CNN, que também fez a mesma coisa no fim do relacionamento, reatado após o episódio. (VEJA, 07 jul. 2010, p.51). Esses dois casos seriam péssimos exemplos de soluções para problemas amorosos.

5.3 Ideação

Mesmo quando não há tentativa de suicídio, a sua ideação já pode ser considerada como um alerta, exigindo cuidados médicos para que não chegue ao suicídio propriamente dito. Adolescentes envolvidos com álcool são passíveis de ideação de suicídio. (VEJA, 07 mar. 2001, p. 128). O drama dos "cuidadores", pessoas que cuidam de parentes com doenças degenerativas. Eles sofrem de depressão e estresse em alto grau e, em casos mais extremos, a ideação do suicídio é uma constante. (VEJA, 11 out. 2006, p. 96-98).

5.4 Homicídio seguido de suicídio

Os homicídios seguidos de suicídios são sempre destaques na mídia. Quanto mais gente envolvida no caso, mais atenção recebe da imprensa e do público. Trata-se de fato mais grave do que o suicídio exatamente por esse motivo. Aquele que não suporta mais a vida sai de cena, levando consigo outras pessoas inocentes. Um caso que teve destaque na *Veja*, com duas matérias de capa, foi a morte de Suzana Marcolino que, supostamente, se suicidou após matar Paulo César Farias, ex-assessor do presidente Collor, com um tiro, no dia em que PC prometeu abandoná-la. As matérias apresentaram diversas fotos dos corpos e detalhes do ambiente da tragédia. (VEJA, 03 jul. 1996, p.32-50 e VEJA, 07 ago. 1996, p.32-38). Outro fator para publicação com destaque diz respeito ao *status* social das pessoas envolvidas. Foi o caso da matéria sobre a modelo Luciana Fontenele, de 28 anos, que se atirou de um luxuoso edifício na zona sul do Rio, com seu filho Igor, de um ano e 10 meses, após discussão com o ex-namorado, Eduardo Chermont. Mãe e filho morreram. Fotos das vítimas ilustraram a matéria como título *Tragédia carioca*. (VEJA, 04 jun. 1997, p.111). O caso do engenheiro Wlado de Carvalho Wunder, de 57 anos, também foi destaque. Ele matou a esposa Paulette Kahane, de 48 anos e as filhas Carolina, de 22 anos e Mariana, de 14 anos com 18 tiros de escopeta, atirando no rosto e na cabeça das vítimas. Waldo estava em crise depressiva, após sofrer um sequestro e ter pagado um vultuoso resgate, o que lhe deixou em crise financeira e lhe desenvolveu um grande medo, levando-o a colecionar armas. Fotos da família em ambientes festivos ilustram a matéria, que dá detalhes mórbidos da cena do crime, ocorrido na Barra da Tijuca, no Rio. Tudo isso sob o título *Era uma vez uma família feliz*. (VEJA, 04 jun. 2003, p.56-58)

5.5 Suicídio e questões culturais

Algumas questões culturais influenciam as estatísticas de suicídios e tentativas de suicídios em países do Oriente e Oriente Médio. No Japão, o suicídio não tem o estigma dos demais países e ele é quase uma tradição. Na China e no Afeganistão, hábitos culturais fazem das mulheres vítimas naturais da sociedade, aumentando o sofrimento delas, que buscam no suicídio a paz desejada. Diversas matérias sobre homens e mulheres-bomba foram publicadas sob diferentes ângulos, ou seja, ora os casos eram tratados como terrorismo, ora como questões religiosas, culturais, políticas ou econômicas. Por esse motivo, optamos por não comentá-las.

A Floresta de Aoigahara, na encosta do Monte Fuji, um dos símbolos do Japão, é um local de suicídio. Ali, em 1997, foram recolhidos 55 corpos e em 1998, cerca de 70 corpos. (VEJA, 18 ago. 1999, p. 59). Ainda sobre o Japão, em matéria intitulada *O céu dos suicidas*, é relatado que os suicidas japoneses têm, em geral, de 20 a 30 anos. Um manual com instruções para suicídio vendeu 1,5 milhão de cópias desde os anos 90. Citadas medidas arquitetônicas para impedir suicídios. (VEJA, 20 out. 2004, p. 116-117).

Na China, mulheres são raptadas e vendidas, e lá são comuns os suicídios delas. (VEJA, 21 out. 1998, p.56). O país lidera as estatísticas mundiais de suicídio, com a morte de mulheres, entre 15 a 34 anos. (VEJA, 11 dez. 2002, p. 112-113). As chinesas também se suicidam porque são vítimas de violência doméstica e da escravidão sexual. (VEJA, 08 out. 2003, p. 56-57). Em entrevista, a escritora chinesa Xinran Xue, autora do livro *As boas mulheres da China*, declarou que, em seu programa de rádio, de grande sucesso, ela ouvia diversos relatos de

abusos, suicídios e recebia telefonemas e cartas de mulheres suicidas. (VEJA, 22 jul. 2009, p. 17-21).

Em matéria intitulada *Um inferno para as mulheres*, no Afeganistão é dito que as mulheres tentam suicídio, queimando-se. Muitas não morrem na hora. Tudo isso é provocado pelos estupros e espancamentos sistemáticos aos quais elas são submetidas por parte do marido e da família. (VEJA, 15 maio 2010, p.148-156).

No Brasil, índios no Mato Grosso do Sul sofrem com a falta de uma política favorável a eles, levando-os ao desespero e ao suicídio. No sul do Amazonas, a tradição começa a ser questionada, levando aos que não a aceitam ao suicídio. Na aldeia de Dourados, 250 índios guarani-caiova cometeram suicídio nos últimos dez anos, chamando a atenção de pesquisadores nacionais e internacionais e foi mostrado que pelo menos 28 suicídios eram falsos. O cacique é suspeito da matança. (VEJA, 27 maio 1998, p. 115). Na reserva dos caiova e nhandeva, 130 mil índios vivem confinados em 40 mil hectares, em aldeias onde imperam a prostituição, o alcoolismo e a fome. Crianças morrem de desnutrição e há 60 suicídios por ano. (VEJA, 14 mar. 2007, p. 56-58). Outra matéria sobre suicídio indígena destacou outra prática na cultura indígena: o infanticídio. Na aldeia dos suruuarás, uma indiazinha de dois anos foi condenada pela tribo a morrer por ter um retardo mental. Seus pais prepararam uma mistura com um cipó venenoso, mas acabaram eles mesmos tomando a mistura. A tribo incumbiu o irmão mais velho, de 15 anos, de matá-la e ele a enterrou, mas ela sobreviveu. O avô tentou matá-la com uma flechada e ela continuou resistindo, sabendo disso, o avô suicidou-se também. A indiazinha foi salva por missionários e com eles vive até hoje. Outros casos de infanticídio entre os índios. (VEJA, 15 ago. 2007, p. 104-106).

Ainda no Brasil, matéria intitulada *Peso da tradição leva gaúchos ao suicídio*, indica bem o problema existente na região dos Pampas. Ali, existe um alto índice de suicídio, comparado aos EUA e à Suécia. O machismo gaúcho e questões de honra levam os moradores das cidades gaúchas de Uruguaiana, Santana do Livramento, Alegrete e Bagé a cometerem suicídio por enforcamento e com arma de fogo. Já na cidade Venâncio Flores, região produtora de fumo, há um alto número de suicídios, provocado pela intoxicação das substâncias existentes nos agrotóxicos, que desencadeiam problemas neurológicos. (VEJA, 03 jun. 1998, p. 76-77).

5.6 Suicídio e questões religiosas

A religião nem sempre atua positivamente na questão do suicídio. Algumas seitas levam seus adeptos a suicídios coletivos. Foi o que aconteceu em Grenoble, na França, onde dezesseis integrantes da seita *Ordem do Templo Solar* morreram carbonizados em suicídio coletivo, estando entre eles Patrick Vuarnet, filho do ex-campeão de esqui, Jean Vuarnet, dono de famosa marca de óculos de sol. (VEJA, 03 jan. 1996, p. 36). Em Uganda, na cidade de Kanungu, quase seiscentas pessoas, integrantes do *Movimento pela Restauração dos Dez Mandamentos*, uma seita que esperava o fim do mundo, morreram em suicídio coletivo. (VEJA, 29 mar. 2000, p. 57)

No Brasil, foram feitas acusações à seita do Santo Daime que utiliza em seus cultos um chá alucinógeno. Um trabalhador rural epilético buscou a cura na seita, mas apenas piorou dos ataques e se tornou violento. Em 1994, ele tomou uma garrafa do chá e, em seguida, se matou com um tiro de carabina na testa. O jornalista Jorge Mourão, autor do livro *Tragédia na Seita do Daime*, relata o suicídio de seu filho adotivo, Jambo, que, aos 20 anos, fez uma

fogueira e atirou-se nela, na sede da seita, Céu do Mapiá, em 1993. (VEJA, 10 jan. 1996, p. 40-44).

5.7 Suicídio e questões políticas

O suicídio por motivos políticos sempre existiu. A história está repleta de casos em que uma pessoa ou grupo de pessoas optou pela morte para não se subjugar aos inimigos políticos.

Segundo o coordenador do *Ambulatório da Ansiedade*, do Instituto de Psiquiatria da USP, Márcio Bernik, o suicídio é uma reação limite do ser humano e cita como exemplos os pilotos que jogaram os aviões nas torres gêmeas de Nova York e as pessoas que jogaram das torres sem aguardar socorro. (VEJA, 19 set. 2001, p. 60-72)

Ensaio de Roberto Pompeu de Toledo tem como tema o suicídio em diferentes versões, mas com só estilo: a volúpia do espetáculo. Cita os monges vietnamitas que se suicidaram de maneira mansa, silenciosa e introspectiva, transformando-se em piras de fogo. Cita também os fanáticos do Islã do Oriente Médio que se suicidam de maneira feroz, ruidosa e extrovertida, usando carros-bomba, aviões ou o próprio corpo (homens-bomba). (VEJA, 21 nov. 2001, p. 158)

Matéria, sobre os que se matam por uma causa, tenta explicar esses suicídios. Foram detectados traços psicológicos comuns a suicidas políticos de todos os tempos. Eles são diferentes dos suicidas comuns que não suportam a vida e são diferentes dos fanáticos religiosos que se imolam para chegar a um plano espiritual superior. (VEJA, 18 fev. 2004, p. 60-61).

Com relação ao Brasil, destaca-se o suicídio do presidente Getúlio Vargas citado em diversas matérias políticas. (VEJA, 31 jan. 1996, p.102-104; VEJA, 01 maio 1996, p.32; VEJA, 26 ago. 2009, p. 142; VEJA, 10 nov. 2010, p. 150; VEJA, 17 nov. 2010, p. 150). Destaques para duas matérias: uma sobre a doação da família de Vargas da caneta de ouro com a qual ele assinou a carta-testamento e o revólver calibre 32 (fotos) com o qual ele se matou e outra sobre o "suicídio de honra", quando acontece um crime irreparável que atinge todas as relações da pessoa. Nesse caso, o suicídio libertará, segundo a matéria, o ofensor, sua família, o partido ou segmento vítima de suas faltas, como aconteceu com Vargas e como ocorre no Japão, com alguma frequência. (VEJA, 15 ago. 2007, p.76-77).

Ainda sobre o Brasil, documentos do General Antonio Bandeira, que comandou o III Exército e que combateu a guerrilha do PC do B no Araguaia, PA, revelam o suicídio do guerrilheiro Ciro Flávio Salazar Oliveira, em 1972, para não ser preso pelas tropas do referido general. (VEJA, 15 abr. 1998, p. 30-32)

5.8 Suicídio e questões financeiras

A crise econômica aponta para o aumento de suicídios nessas ocasiões. Em entrevista, o milionário inglês Marc Lewis, autor do *best-seller*, *O sucesso dos pecados*, sustenta que os sete pecados capitais são a chave do êxito. Para ele, o suicídio é comum entre pessoas que tinham algo e perderam. (VEJA, 13 mar. 2002, p. 11-15) Casos de suicídio de homens ricos comprovam a teoria de Lewis. José Carlos Guimarães, 53 anos, ex-diretor da CEF, no Governo Collor, se matou provocando seu afogamento na piscina de sua casa, devido a problemas financeiros. (VEJA, 05 jan. 2000, p.36). Já Adolf Merckle, com 74 anos e considerado o 94º

homem mais rico do mundo, jogou-se na linha do trem em Ulm, Alemanha, por causa de crise financeira. (VEJA, 14 jan. 2009, p.61)

5.9 Suicídio e doenças

Diversas doenças, principalmente as psiquiátricas, podem desencadear ideação, tentativas de suicídio e suicídios propriamente ditos. A doença citada em diversas matérias é a depressão, uma das principais causas do suicídio. Matéria de capa, com o título *A luta contra a doença da alma* afirma que a depressão é o mal que mais ataca as mulheres e cresce entre os homens, mas já pode ser tratada, com sucesso, pela medicina. No Brasil, estima-se que haja 10 milhões de deprimidos. Um quadro intitulado *Os números da tristeza* oferece estatísticas sobre a doença e outro quadro cita algumas personalidades deprimidas e entre elas alguns suicidas. Também são citados remédios antidepressivos que, dizem, proporcionam alívio imediato. Algumas pessoas famosas dão depoimentos sobre outros distúrbios da mente. (VEJA, 31 mar. 1999, p. 94-101). Matéria intitulada *Um ranking da depressão* diz que a doença é mais comum do que se imagina. Estudo da OMS e da Universidade de Harvard publicado no *The Journal of the American Medical Association (JAMA)* avaliou 60.500 homens e mulheres de 14 países (o Brasil não). Se não tratada, a depressão aumenta os riscos de suicídio. (VEJA, 09 jun. 2004, p. 140). Outra matéria de capa, intitulada *A medicina da alma. O equilíbrio do cérebro e da alma*, fala que os remédios promovem a recuperação sintomática dos transtornos mentais, diminuindo a tendência suicida dos deprimidos. Nos casos mais graves de depressão, são recorrentes as idéias de suicídio e delírios. Os distímicos podem ter prejuízos importantes no trabalho e no relacionamento e cometem suicídio na mesma proporção dos deprimidos graves. Pesquisas demonstram que o uso de determinadas substâncias aumenta a incidência de pensamentos suicidas. Nessa mesma matéria há o relato detalhado de uma jovem sobre sua tentativa de suicídio. Relato sobre o suicídio de um menino de 13 anos, diagnosticado como portador de depressão e tratado com sertralina. Com menos de um mês sob o efeito do antidepressivo, ele enforcou-se, usando um cinto. (VEJA, 01 dez. 2004, p. 116-124). Outra matéria intitulada *As idades da depressão* afirma que os quarentões concentram o maior índice de infelicidade e de casos de depressão independentemente de sexo, estado civil, condição social, número de filhos ou nacionalidade. (VEJA, 06 fev. 2008, p. 68-69). Entrevista polêmica com o psicólogo americano, Steven Hayes, autor do livro *Saia de sua mente e entre em sua vida*, que afirma que é preciso aceitar a tristeza porque a felicidade não é normal. Ele prega a aceitação da dor e do sofrimento como parte da vida, causando impacto no tratamento da depressão e transtornos de ansiedade. Foi perguntado a ele se o suicídio é uma fuga da dor ou se essa idéia é apenas um lugar comum. Ele respondeu que muitos suicídios são um último esforço para acabar com a própria dor. Evitar sentimentos dolorosos é rejeitar a própria vida. (VEJA, 01 mar. 2006, p. 13-15)

Com o título *O mal do humor*, matéria fala sobre a distímia, uma doença que afeta 4% da população e tem sintomas parecidos com os da depressão e pode levar ao suicídio. (VEJA, 01 nov. 2000, p. 136)

Escritor americano, Pete Earley, 57 anos, publicou *Loucura, a busca de um pai pelo insano sistema de saúde* (Ed. Artmed). Segundo ele, que é pai de um bipolar, 40% dos portadores desse mal tentam se matar. (VEJA, 13 maio 2009, p. 108-109).

O maestro Burt Bacharach e a atriz Angie Dickinson tiveram uma filha com um transtorno semelhante ao autismo, Nikki, que se suicidou, em 2007, com 40 anos. (VEJA, 25 fev. 2009, p. 102-103).

Drogas modernas permitem que os esquizofrênicos levem uma vida quase normal. De cada dez pacientes, quatro tentam suicídio pelo menos uma vez. (VEJA, 19 dez. 2001, p. 102-103). Com a criação dos antipsicóticos as tentativas de suicídio entre os que sofrem de esquizofrenia foram reduzidas a 50%. (VEJA, 04 jun. 2008, p. 118-122)

A psicótica maníaco-depressiva (PMD), Kay Redfield Jameson, publicou o livro *Uma mente inquieta* (Ed. Martins Fontes), no qual ela fala de seu pai de quem herdou a doença, a primeira crise aos 17 anos, os surtos e tentativas de suicídio, de sua carreira como professora da Faculdade de Medicina na *Johns Hopkins University*. No Brasil, existe 1,5 milhão de pessoas com PMD. (VEJA, 09 out. 1996, p. 133)

Outras doenças psiquiátricas, muito comuns hoje em dia e que são ligadas às formas de alimentação, são a anorexia e a bulimia, além da obesidade, uma doença multifatorial. A anorexia ameaça moças e rapazes nos EUA e no Brasil e é acompanhada por depressão. A idade do primeiro sintoma, nos dois países, é em torno dos 16 anos. (VEJA, 25 out. 2000, p. 66). No Reino Unido, 9% dos pacientes com anorexia e bulimia (mulheres jovens, na maioria) recebem tratamento adequado, evitando entre outras coisas, o suicídio. (VEJA, 12 fev. 2003, p.91).

Alergia rara e incurável, que provocava dores quando exposta ao sol ou lâmpada potente, levou Hannelore Kohl, de 68 anos, esposa do ex-chanceler alemão Helmut Kohl, ao suicídio. (VEJA, 11 jul. 2001, p.56-57)

5.10 Suicídio na TV e Internet

Em matéria de capa, intitulada *Mundo cão na TV*, o programa *Aqui Agora*, da SBT foi criticado por ter exibido ao vivo e em rede nacional, o suicídio de uma jovem, Daniele Alves, que se jogou de um prédio, em SP, em 1993. A matéria da *Veja*, no entanto, foi ilustrada com cinco *frames* da filmagem, mostrando cinco fases do referido suicídio. (VEJA, 18 set. 1996, p. 122-128). Tempos depois, outra matéria sobre *O vale tudo pelo IBOPE*, volta a mencionar o fato. Segundo essa matéria, ela se atirou do prédio após ver o carro da SBT, que exibiu durante dez minutos o ocorrido, aumentando sua audiência para 33,5%. (VEJA, 24 mar. 1999, p. 108-109)

Na Internet, diversos *sites* promovem a anorexia, que pode levar à morte por parada cardíaca, insuficiência renal e suicídio. (VEJA, 11 fev. 2004, p.90). Pactos de morte estão sendo feitos pela Internet. No Japão, 91 pessoas combinaram suicídio coletivo em 2005. Elas tinham entre 20 e 40 anos. Na Internet é possível encontrar um guia com métodos eficazes de suicídio, privilegiando o veneno, pílulas e o fogareiro de carvão acesso dentro de carro ou cômodo pequeno. (VEJA, 22 fev. 2006, p. 88-89). Mulher de 49 anos foi condenada em Los Angeles, EUA, por mentir para Megan Meier, uma menina de 13 anos, amiga de sua filha, num *site* de relacionamento. A menina se enforcou com um cinto no *closet* ao descobrir que seu namorado na Internet era fictício. (VEJA, 03 dez. 2008, p.49)

5.11 Suicídio e genética

Comentários sobre o livro *Rede dos Magos – Uma outra história da família Mann* (Ed. Nova Fronteira), de Marianne Krüll que cita os suicídios da família Mann. Heinrich Mann, irmão do escritor Thomas Mann, escreveu uma peça de teatro sobre o suicídio de sua irmã mais nova, Carla, de 28 anos e por quem ele era apaixonado. O filho do escritor, Klaus Mann, um homossexual assumido, também se suicidou aos 43 anos. (VEJA, 26 nov. 1997, p. 135-136)

Matéria intitulada *Em nome do pai* relata a tendência de filhos seguirem os destinos dos pais. O escritor Klaus Mann, filho do também escritor Thomas Mann, se suicidou por causa de depressão e da genialidade do pai que ele buscava. O político Manuel Vargas, filho do presidente Getúlio Vargas, deixou a política para ser fazendeiro e acabou se matando aos 79 anos. Destinos trágicos não são incomuns entre filhos de pais famosos, envolvendo suicídio e drogas. (VEJA, 29 abr. 1998, p. 30-31)

Matéria intitulada *Morte espelhada* aborda o suicídio do filho da escritora Sylvia Plath, também suicida e retoma a questão: o que leva alguém a se matar? (VEJA, 01 abr. 2009, p. 92-93)

A ciência descobre que a herança genética influi na tendência ao suicídio. Foi identificado o gene responsável pela mutação na codificação dos receptores de serotonina, um neurotransmissor que, quando atua bem, pode representar duas vezes mais chances de cometimento de suicídio por parte do indivíduo seu portador. (VEJA, 13 set. 2006, p. 70-76). E na coluna *Em forma*, de Karina Pastore, foi publicado o resultado de estudo sobre cérebro de dezenas de suicidas realizado por psiquiatras americanos que conseguiram estabelecer, pela primeira vez, uma relação entre a tendência ao suicídio e os baixos níveis de serotonina. (VEJA, 07 jan. 1998, p. 12).

5.12 Tipos de suicidas

Nota da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou para o aumento do número de suicídios, particularmente entre os **jovens**. (VEJA, 27 nov. 1996, p. 13). Esse foi o ano da divulgação de estatísticas e início de uma grande mobilização na prevenção de suicídio, promovido por essa instituição internacional. Ainda sobre jovens, em grande matéria de capa sobre uso de drogas, foram citados pelo menos cinco suicídios de jovens, sendo três deles consumados com armas de fogo. (VEJA, 27 maio 1998, p. 118-125)

Pesquisadores ingleses concluíram que a taxa de suicídio entre desempregados é duas vezes maior do que entre os **trabalhadores** ativos. (VEJA, 18 nov. 1998, p. 38). Já na Suécia, 15% dos casos de suicídio estão ligados ao trabalho e, em particular, ao assédio moral. (VEJA, 13 jul. 2005, p. 104-108). Na França, a privatização e a reestruturação da *France Telecom* deixaram 40 mil desempregados e, em 18 meses, 24 empregados se suicidaram. (VEJA, 07 out. 2009, p.99-103). Pesquisa do ISER concluiu que a taxa de suicídio entre os policiais militares, no Brasil, é maior do que entre os não policiais. (VEJA, 04 ago. 1999, p. 84-99). Ainda relacionado ao trabalho, o *chef de cuisine* francês Bernard Loiseau se matou e seu suicídio é atribuído à perda de dois pontos no severo guia *GaultMilau*. (VEJA, 10 mar. 2004, p. 86-86).

Estudos indicam que **crianças** órfãs têm três vezes mais possibilidades de ir mal na escola, de precisar de apoio psicológico e de cometer suicídio. (VEJA, 01 dez. 1999, p. 100-104). Em matéria sobre o mau desempenho do Brasil nos *Jogos Olímpicos Escolares de Química, Física, Matemática e Biologia*, foi citado o sistema educacional chinês, que incentiva a meritocracia,

dando destaque aos melhores alunos. Mas a competitividade acirrada entre os alunos tem levado muitos deles ao suicídio. (VEJA, 03 set. 2008, p. 98-99)

Os **homens**, que vivem sozinhos, têm maior probabilidade de cair em depressão, abusar do álcool e das drogas e de cometer suicídio. (VEJA, 30 ago. 2000, p. 128-129 e VEJA, 25 jul. 2001, p. 102-108). Matéria de capa denuncia: homens também choram e lideram as estatísticas mundiais de suicídio, de mortes violentas e de envolvimento com drogas. O Ministério da Saúde revelou que, no Brasil, em 1998, dos 6.958 suicídios registrados, 5.530 foram cometidos por homens. (VEJA, 22 ago. 2001, p. 116-123)

5.13 Suicídios de famosos

O noticiário sobre suicídios de pessoas famosas arrolou 15 matérias, sendo quatro referentes a famosos brasileiros. Duas matérias se destacaram pelo seu tamanho. A matéria intitulada *Amor de perdição* relatou o suicídio do empresário Carlos Leonardo Tjurs, de 29 anos, vítima de um ciúme obsessivo pela sua noiva, a atriz Ana Paula Arósio. Ele se matou diante dela com um tiro na boca. A matéria dá detalhes de todo o desenrolar do suicídio. (VEJA, 13 nov. 1996, p. 124-127). E a matéria intitulada *Um suicídio no atoleiro do Haiti* abordou o suicídio do general Urano Teixeira da Matta Bacellar, de 58 anos, que comandava as tropas da ONU no Haiti. Ele, que se matou com um tiro na boca, no hotel onde morava, em Porto Príncipe, tinha um temperamento calado e retraído. (VEJA, 18 jan. 2006, p. 66-68)

5.14 Anúncios

Dois anúncios chamaram atenção: um da revista *Ponto de Cruz*, da Editora Abril, que apresenta uma suposta carta de leitora depressiva que melhorou ao se dedicar aos trabalhos manuais expostos na revista. (VEJA, 25 out. 2000, p. 170-171). O outro, veiculado pelo Ministério da Agricultura e Abastecimento, do Brasil, declara que o café contribui para a prevenção de depressão e suicídio e cita brasileiros famosos que tomam café. (VEJA, 06 dez. 2006, p. 81).

6. Considerações finais

Terminada a análise das matérias sobre suicídio, ficou evidente que o suicídio de pessoas famosas é sempre notícia. Outro tipo de suicídio merecedor de destaque é aquele que é precedido por homicídio. O suicídio, tal como foi publicado, na maioria das vezes, não estava enquadrado nas sugestões da ABP e foi objeto de sensacionalismo. Detalhes sobre as tentativas de suicídios e suicídios propriamente ditos são frequentemente expostos, quando bastava apenas uma menção ao fato.

A prevenção do suicídio pode ser pautada nas matérias sobre depressão, consumo de drogas e álcool, solidão entre outras. Algumas formas de tratamento de depressão, que pode desencadear um suicídio, foram publicadas, citando particularmente o consumo de antidepressivos e seus efeitos colaterais. Algumas dessas matérias produziram incertezas, pois inúmeros relatos de suicídios supostamente provocados pelo uso desse tipo de medicamento foram feitos.

Poucas matérias surgiram sobre o suicídio assistido e a eutanásia, talvez por falta de conteúdo substancial ou por ser um problema na nossa cultura.

O que pode ser aferido é que, noticiar suicídio ainda é problema para a imprensa brasileira e, em particular, para a *Veja*. Basta ler os resumos apresentados para constatar a inadequação do texto, das ilustrações, do destaque editorial dado ao tema e dos “chapéus” que rotulam essas matérias como “crime” e “polícia”.

Referências

AUTO retrato. Katie Dallam. **Veja**, São Paulo, n. 1901, p. 109, 20 abr. 2005.

BARELLA, José Eduardo. Um suicídio no atoleiro do Haiti. **Veja**, São Paulo, n. 1939, p. 66-68, 18 jan. 2006.

BARRETO, A. A. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.8, n.4, p.3-8, out./dez. 1994.

BLANC, Valéria. Natal trágico. **Veja**, São Paulo, n. 1630, p.36, 05 jan. 2000.

BOSCOV, Isabela. Eu me trai. Entrevista com Jane Fonda. **Veja**, São Paulo, n. 1901, p. 11-15, 20 abr. 2005.

BOTEGA, N. J. (Coord.). **Comportamento suicida**: conhecer para prevenir. Rio de Janeiro: ABP, 2009.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. [Anúncio sobre consumo de café]. **Veja**, São Paulo, n. 1985, p. 81, 06 dez. 2006.

BUCHALLA, Anna Paula. O doutor felicidade. Entrevista com Martin Seligman. **Veja**, São Paulo, n. 1844, p. 11-15, 10 mar. 2004.

_____ ; ZAKABI, Rosana. A culpa de cada um. **Veja**, São Paulo, n.1762, p.76-83, 31 jul. 2002.

BYDLOWSKI, Lizia. A vida como ela é. **Veja**, São Paulo, n. 2008, p. 49, 03 dez. 2008.

CAMACHO, Marcelo; SANCHES, Neuza. O circo na TV. **Veja**, São Paulo, n. 1462, p.122-128, 18 set. 1996.

CARDOSO, Maurício; LUZ, Sérgio Ruiz. A doença da alma. *Veja*, São Paulo, n. 1591, p. 94-101, 31 mar. 1999.

CARELLI, Gabriela. Anatomia da personalidade. **Veja**, São Paulo, n. 1973, p. 70-76, 13 set. 2006.

CARVALHO, Joaquim de. Fim de caso. **Veja**, São Paulo, n. 1456, p. 32-38, 07 ago. 1996.

CÉU dos suicidas. **Veja**, São Paulo, n. 1876, p. 116-117, 20 out. 2004.

COLAVITTI, Fernanda. O mal humor. **Veja**, São Paulo, n. 1673, p. 136, 01 nov. 2000.

COMPRIDO como o do papai. **Veja**, São Paulo, n. 2065, p. 92, 18 jun. 2008.

CORREA, Marcos Sá. Só falta fazer. **Veja**, São Paulo, n. 1442, p.32, 01 maio de 1996.

COSTA, Ruth. Não fuja da dor. Entrevista com Steven Hayes. **Veja**, São Paulo, n. 1945, p. 13-15, 01 mar. 2006.

COUTINHO, Leonardo. Crimes na floresta. **Veja**, São Paulo, n. 2021, p. 104-106, 15 ago. 2007.

DAMATTA, Roberto. Sem culpa e sem vergonha. **Veja**, São Paulo, n. 2021, p. 76-77, 15 ago. 2007.

DIEGUEZ, Consuelo; ROGAR, Silvia. Homens também choram. **Veja**, São Paulo, n. 1714, p. 116-123, 22 ago. 2001.

EDITORA ABRIL. Revista Ponto de Cruz.[Anúncio sobre trabalhos manuais]. **Veja**, São Paulo, n. 1672, p. 170-171, 25 out. 2000.

EDWARD, José. Made in Paraguai. **Veja**, São Paulo, n. 1999, p. 56-58, 14 mar. 2007.

_____ ; FARIA, Roberta. O equilíbrio do cérebro e da alma. **Veja**, São Paulo, n. 1882, p. 116-124, 01 dez. 2004.

_____ ; SANTOS, Maria Claudia. Assédio moral. **Veja**, São Paulo, n. 1913, p. 104-108, 13 jul. 2005.

EM NOME do pai. **Veja**, São Paulo, n. 1544, p.30-31, 29 abr. 1998.

ESCRAVAS do lar. **Veja**, São Paulo, n. 1569, p. 56, 21 out. 1998.

FAUSTO NETO, A. **Mortes em derrapagem**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FERRAZ, Sílvio. Está na hora de reagir. Entrevista com Glaucio Ary Dillon Soares. **Veja**, São Paulo, n. 1662, p.11-15, 16 ago. 2000.

FILHO, Expedito; ROCHA, Leonel. A morte na cama. **Veja**, São Paulo, n. 1451, p.32-50, 03 jul. 1996.

FRANÇA, Ronaldo; ROGAR, Silvia. Era uma família feliz. **Veja**, São Paulo, n. 1805, p.56-58, 04 jun. 2003.

FRANÇA, Valéria; KACHANI, Morris. Amor de perdição. **Veja**, São Paulo, n. 1470, p. 124-127, 13 nov. 1996.

GYAMA, Thais. Um inferno para as mulheres. **Veja**, São Paulo, n. 2165, p. 140-156, 15 maio 2010.

_____ . Vocês não entendem a China. Entrevista com Xinran Xue. **Veja**, São Paulo, n. 2122, p. 17-21, 22 jul. 2009.

HERANÇA difícil de ignorar. **Veja**, São Paulo, n. 1708, p. 56-57, 11 jul. 2001.

INFERNO na igreja. **Veja**, São Paulo, n. 1642, p. 57, 29 mar. 2000.

IOSCHPE, Gustavo. Preparados para perder. **Veja**, São Paulo, n. 2076, p. 98-99, 03 set. 2008.

JOGATINA feminina. **Veja**, São Paulo, n. 1623, p. 154-156, 10 nov. 1999.

JUNQUEIRA, Eduardo. Em nome da honra. **Veja**, São Paulo, n. 1549, p. 76-77, 03 jun. 1998.

_____ . Holofote. **Veja**, São Paulo, n. 1573, p. 38, 18 nov. 1998.

KOSTMAN, Ariel. Doença grave incentivada na internet. **Veja**, São Paulo, n. 1840, p. 90, 11 fev. 2004.

LADO sombrio da grande China. **Veja**, São Paulo, n. 1823, p.56-57, 08 out. 2003.

LARRY King anunciou o cancelamento de seu programa na CNN. **Veja**, São Paulo, n. 2172, p.51, 07 jul. 2010.

LEITE, Paulo Moreira. No túnel da história. **Veja**, São Paulo, n. 1429, p. 102-104, 31 jan. 1996.

LIMA, Maurício Lima. Kaiowas "suicidas" foram assassinados. **Veja**, São Paulo, n. 1548, p. 115, 27 maio 1998.

LIMA, Samarone; OYAMA, Thais. Passageiros da agonia. **Veja**, São Paulo, n. 1548, p. 118-125, 27 maio 1998.

LOPES, Adriana Dias. Mentis divididas. **Veja**, São Paulo, 2003, p. 118-122, 04 jun. 2008.

MAGALHÃES, Naiara. O sexo forte. **Veja**, São Paulo, n. 2190, p. 150-156, 10 nov. 2010.

MARTINS, Sérgio. O balanço do vovô. **Veja**, São Paulo, n. 2101, p. 102-103, 25 fev. 2009.

MORAES, A. F. **Jornal – fonte de pesquisa**. 1995. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

MORTE na floresta. **Veja**, São Paulo, n. 1611, p. 59, 18 ago. 1999.

MORTE no fogo, num salto ou no desabamento. **Veja**, São Paulo, n. 1718, n. 60-72, 19 set. 2001.

NARLOCH, Leandro. A saga da mente genial. **Veja**, São Paulo, n. 2133, p. 96-108, 07 out. 2009.

NEIVA, Paula. As idades de depressão. **Veja**, São Paulo, n. 2046, p. 68-69, 06 fev. 2008.

_____. Pacto de morte pela Internet. **Veja**, São Paulo, n. 1944, p. 88-89, 22 fev. 2006.

NETTO, Vladimir. Os arquivos do General Bandeira. **Veja**, São Paulo, n. 1542, p.30-32, 15 abr. 1998.

NOVAS vítimas. **Veja**, São Paulo, n. 1672, p. 66, 25 out. 2000.

NUNES, Angela. Dose perigosa. **Veja**, São Paulo, n. 1690, p. 128,07 mar. 2001.

OLIVEIRA, Neide. Um golpe na Bíblia dos restaurantes. **Veja**, São Paulo, n. 1844, p. 85-86, 10 mar. 2004.

PAIXÃO, Roberta. Tragédia carioca. **Veja**, São Paulo, n. 1498, p.111, 04 jun. 1997.

PASTORE, Karina. Delírios sob controle. **Veja**, São Paulo, n. 1731, p. 102-103, 19 dez. 2001.

_____. Em forma. **Veja**, São Paulo, n. 1528, p. 12, 07 já. 1998.

PINHEIRO, Daniela. E como fica o resto da família? **Veja**, São Paulo, n. 1977, p. 96-98, 11 out. 2006.

POLES, Cristina. Eles adoecem mais e vivem menos. **Veja**, São Paulo, n. 1664, p. 128-129, 30 ago. 2000.

QUANDO o amor de pai já não basta. **Veja**, São Paulo, n. 2112, p. 108-109, 13 maio 2009.

RANKING da depressão. **Veja**, São Paulo, n. 1857, p. 140, 09 jun. 2004.

RECORDE macabro. **Veja**. São Paulo, n. 1781, p. 112-113, 11 dez, 2002.

RIBEIRO, Antonio. Os que se matam por uma causa. **Veja**, São Paulo, n. 1841, p. 60-61, 18 fev. 2004.

RISCO dos distúrbios alimentares. **Veja**, São Paulo, n. 1789, p.91, 12 fev. 2003.

RITUAL de fogo. **Veja**, São Paulo, n.1425, p.6, 03 jan. 1996.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SALGADO, Eduardo. O sucesso do pecador. Entrevista com Marc Lewis. **Veja**, São Paulo, n. 1742, p. 11-15, 13 mar. 2002.

SANTOS, J. **Construção de opinião no texto informativo**: adjetivos, advérbios e figuras de linguagem como estratégias discursivas em *Veja*, *Época*, *Isto É* e *Carta Capital*. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SCHELP, Diogo. Mortes espelhadas. **Veja**, São Paulo, n. 2106, p. 92-93, 01 abr. 2009.

SECCO, Alexandre. A polícia bandida. **Veja**, São Paulo, n. 1609, p. 84-99, 04 ago. 1999.

SOUZA, Okky de. A seita do barato. **Veja**, São Paulo, n. 1426, p.40-44, 10 jan. 1996.

SUICÍDIO preocupa OMS. **Veja**, São Paulo, n. 1472, p.13, 27 nov. 1996.

SVERBERI, Benedito. O suicida bilionário. **Veja**, São Paulo, n. 2095, p. 61, 14 jan. 2009.

TOLEDO, Roberto Pompeu de.... e o presidente jantou só. **Veja**, São Paulo, n. 2191, p. 150, 17 nov. 2010.

_____. O poder do pijama. **Veja**, São Paulo, n. 2127, p. 42, 26 ago. 2009.

_____. Sobre o suicídio, em diferentes versões. **Veja**, São Paulo, n. 1727, p. 158, 21 nov. 2001.

TREVISAN, João Silvério. Novela literária. **Veja**, São Paulo, n. 1523, p. 135-136, 26 nov. 1997.

VALLADARES, Ricardo. O vale-tudo pelo Ibope. **Veja**, São Paulo, n. 1590, p. 108-109, 24 mar. 1999.

VARELLA, Flávia. Alma exposta. **Veja**, São Paulo, n. 1465, p. 133, 09 out. 1996.

VEIGA, Aída. Lição de casa: aprender a viver só. **Veja**, São Paulo, n. 1710, p. 102-108, 25 jul. 2001.

_____. Precisam-se: pais. **Veja**, São Paulo, n. 1626, p. 100-104, 01 dez, 1999.

Recebido: 10.10.2011

Aceito: 05.10.2012